

História nova

Brasília começou esta semana tendo inaugurado o marco comemorativo da decisão da Unesco, declarando-a Patrimônio Cultural da Humanidade. Seria simples detalhe na praxe dos monumentos. Mas não é. Indica a integração de uma jovem metrópole no espírito do mundo, sob autoridade de órgão competente e supremo. E mais: é a primeira cidade de 28 anos a ser admitida num contexto histórico-cultural de passado remoto, como os 20 e tantos séculos da Murálha Chinesa.

Equivocam-se, assim, os que precipitaram críticas nos limites de tombamento vulgar. Antes, inova também a respeito, compatibilizando a proteção das linhas e da filosofia originais com a dinâmica do desenvolvimento. Não estagna; incentiva. E coloca o processo sob prestígio das recomendações da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, com sede em Paris, criada em 1945 e incumbida, por consenso de 160 países, de ampliar as bases da educação no mundo, distribuir benefícios da ciência e fomentar o intercâmbio cultural entre os povos.

Na meticulosa rota percorrida pelo pleito brasileiro fica a caracterização de uma atitude ainda inédita na matéria. Os predicados urbanísticos, arquitetônicos e paisagísticos de Brasília inspiraram um reconhecimento do valor moderno. A própria chefe da representação dos Estados Unidos da América, Susan Recce, levantou o aspecto, factível de consagrar «prematuramente determinado tipo de arquitetura». Todavia, a forte prova ilustrada do conjunto de requisitos, oferecida pelo professor Léon Pressouyre,

relator do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos), convenceu os 21 países-membros do Comitê do Patrimônio Mundial a aprovar, por unânime sufrágio, a proposta do Governo do Distrito Federal brasileiro, feita em dezembro de 1985. E dois outros dezembros coincidem no trâmite: em 1986, o parecer do Icomos, exigindo complementações; e, finalmente, em 1987, dia 7, conclusivo.

A vinda do diretor-geral da Unesco, Federico Mayor, para inaugurar, sexta-feira última, o marco na Praça dos Três Poderes, dimensiona o mérito do título, sob responsabilidade de lei, cujo anteprojeto se encaminha, estabelecendo normas para a preservação dos bens de valor cultural da cidade. Então, Brasília inaugura, no currículo da Unesco, a modalidade jovem na ordem das reservas históricas, como Ouro Preto, Olinda etc. Superou, no embate, a referência a Chandighâr, na Índia, saída da prancheta, porém inconclusa e regional, embora concebida por Le Corbusier.

Consolidada como Capital Federal, Brasília se consolida em seu destino revolucionário, uma enorme escultura urbanística no Planalto. No início difícil, provocou adversidades. Sua predestinação cívica prevaleceu. Agora, Patrimônio Cultural da Humanidade, tem a memória de Juscelino Kubitschek honrada pelo êxito que gratifica a luta empreendida pelo governador José Aparecido de Oliveira, num trabalho tenaz, cuja importância, na pureza de sua expressão universal, foi assimilada por examinadores em cada degrau da Unesco e por todo seu elenco decisório.